

O que Marcélio sabia: o desejo e o gozo na constituição do sintoma

Lia Carneiro Silveira

O psicanalista, muitas vezes, recebe na clínica demandas relacionadas a problemas de aprendizagem e que poderiam ser endereçadas a profissionais diversos, como o psicólogo ou o psicopedagogo. Trata-se do momento em que, ao constatar o que entendem como um “déficit de aprendizagem”, os pais (amparados frequentemente pela escola) resolvem procurar um “especialista” que possa tratar esse “sintoma”.

Para os saberes oriundos da psicologia, o que está em jogo aqui é uma defasagem, déficit ou transtorno. O processo de aquisição do conhecimento, tal como entendido nas abordagens hegemônicas neste campo – tradição experimentalista behaviorismo-cognitivismo (e até algumas leituras freudianas que se centraram num fortalecimento do Ego) – é entendido como a consolidação de determinadas respostas exitosas dadas por um organismo. Essas respostas seriam possíveis em razão de, por um lado, uma bagagem hereditária mínima de respostas comuns à espécie, e por outro, a uma interação com um “meio” que oferece os estímulos necessários. De qualquer forma, a responsabilidade pela aprendizagem reside no sujeito do conhecimento (o eu, a consciência ou a inteligência).¹ Quando alguma coisa se interpõe entre o estímulo e a resposta (ou seja, não se alcança o nível ótimo esperado), o especialista espera encontrar nesse mesmo “eu” alguma resposta. Sendo o processo de aprendizagem entendido numa lógica organicista e maturacionista, logo o “defeito” só pode estar num desses planos. Ou se trata de um problema de desenvolvimento (considerado como alguma disfunção orgânica ou genética que afeta o corpo), ou interferência de algum “aspecto psicossocial” (ambiente familiar desajustado, maus-tratos etc.). Seja lá qual for a saída encontrada, a intervenção vai ter como objetivo extirpar o sintoma (déficit de aprendizagem) e restaurar no eu a capacidade de aprender. Estamos no discurso da ciência, do sujeito cartesiano, do saber do especialista.

No entanto, diferentemente dessas profissões, o ofício da psicanálise vai demarcar uma ruptura radical na forma como podemos acolher as vicissitudes pelas quais um sujeito passa no seu processo

¹ Lajonquière. *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens* (1993).

de aprendizagem. Também reconhecemos que, naquilo que nos é dirigido sob o título de “problemas de aprendizagem”, há alguma coisa que emperra. No entanto, isso não é entendido como um déficit, uma anomalia a ser corrigida. O que nos interessa é saber se para além da demanda dos pais e da escola há aí algo que o sujeito nos enderece como seu sintoma.

O Sintoma na psicanálise

Para apontarmos a via pela qual podemos nos colocar diante das queixas de “problemas de aprendizagem” encontradas na clínica, faz-se antes necessário especificar qual o estatuto do sintoma para a psicanálise. Antes de tudo, é preciso afirmar que ele é considerado como um índice do sujeito e das tensões que se revelam entre este e o seu desejo, inconsciente.

² Foucault. *O Nascimento da Clínica* (1980).

O sintoma já era considerado, antes mesmo da psicanálise, um importante conceito na medicina. Com Michel Foucault² vemos como este é conceituado no seio do projeto anatomopatológico da medicina, no qual o sintoma sempre corresponde à lesão de um órgão, alteração que precisa ser corrigida para reencaminhar o organismo em direção a uma suposta normalidade.

A psicanálise, por sua vez, nasce de um encontro: aquele que se dá entre Freud e o sintoma das histéricas. Destituído de lugar no saber médico exatamente por não apresentar lesão orgânica, com Freud o sintoma neurótico ganhou estatuto de mensagem. Portador de um texto que remete ao sexual, ou melhor, a uma falha no sexual.

Além disso, Freud diz que os sintomas neuróticos são resultado de um conflito. Na premência constante das pulsões, algo não pode ser escrito pelo Eu. Algo não pode ser aceito, ou por ser incompatível com o eu ou por afrontar seus padrões éticos. A libido insatisfeita é obrigada a abandonar a realidade e buscar outras vias de satisfação. Mesmo que a libido esteja disposta a assumir um outro objeto no lugar daquele recusado, se ainda assim a realidade se mostrar intransigente, ela será compelida a tomar o caminho da regressão e buscar satisfação em algum ponto de fixação, ou seja, em uma das organizações anteriores.

Daí temos uma outra peculiaridade do sintoma em Freud: ele é um acordo, *uma peça de ambiguidade engenhosamente escolhida, com dois significados em completa contradição mútua*.³ Assim, a libido consegue encontrar alguma satisfação, embora seja uma satisfação que mal se reconhece como tal. Mal se reconhece, porque aqui estamos lidando não mais com o prazer, mas com um além do princípio do prazer. Quando falamos de pulsão, estamos falando irremediavelmente em sua faceta de pulsão de morte que, silenciosa,

³ Freud. *Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas* (1916, pp. 419-439).

insiste em seu caminho.

Os pós-freudianos tomaram do texto de Freud esse conflito entre realidade e busca de satisfação, entre o eu e as pulsões. A resposta desses autores, no entanto, girou em torno da possibilidade de fortalecer esse eu; suturar sua divisão e restaurar sua síntese, promovendo um eu forte o bastante para expulsar o sintoma; adequar o eu à realidade. Ora, essa via o próprio Freud a recusou de saída: não se trata de adequar o eu a uma pretensa realidade, mas sim de mostrar o quão adequado a ela o sujeito já estava.

Lacan também vai execrar essa saída. Tanto, que em seu texto é raro não encontrarmos críticas a ela. Mas ele também abre uma via para outra resposta: se não se trata de fortalecer o eu, de levá-lo a alcançar a maturidade genital com a unificação das pulsões copiando o eu forte do analista, do que se trata então numa análise? Foi preciso retornar ao texto freudiano, demarcando ali o que está em jogo, mapeando os diferentes registros em que as coisas se passam. Para romper com a ênfase imaginária no eu forte dos pós-freudianos, Lacan valeu-se de algumas ferramentas que lhe permitiram, num primeiro momento de seu ensino, destacar da experiência do inconsciente o caráter estruturante do simbólico.

No que tange ao sintoma a questão é a da ligação ao desejo, que permanece um ponto de interrogação, um enigma. Temos, então, nos anos cinquenta, uma proposição que enfatiza a face simbólica do sintoma como uma coisa que fala, um enigma que se articula. Mas ele também já aborda nessa época algo de irredutível que se instaura na complexidade das relações do sujeito com o Outro. Ele diz: *se falo aqui da função da fala ou da instância da letra no inconsciente, certamente não é para eliminar o que o desejo é de irredutível e impossível de formular – não de pré-verbal, mas de para além do verbo.*⁴

À espera de que algo do campo do Outro possa nomear seu ser, o sujeito permanece alienado. *O sujeito da alienação supõe que o Outro detém um saber sobre seu ser. Tal saber jamais comparecendo integralmente, o sujeito toma a seu cargo a falta, preservando intacto o lugar do Outro.*⁵ No entanto, uma outra operação se faz necessária. Na operação de separação, a barra incide não apenas sobre o sujeito, mas também sobre o Outro. Assim, em vez de se sujeitar a esse Outro supostamente não barrado, suposto responder pelo lugar do sujeito no mundo, advém uma interrogação acerca do desejo que se desenha na falta desse Outro, agora barrado: *O Outro figura aí como faltoso, como incompleto, como parte interessada no jogo, e não como um árbitro que poderia emitir um julgamento sobre o ser do sujeito de uma distância objetiva, imparcial e isenta.*⁶

Será nesse espaço que se estabelece a partir do recobrimento de duas faltas (falta no sujeito e falta no Outro) que Lacan irá situar o lugar do objeto. No entanto, não se trata de um objeto *do* desejo,

⁴ Lacan. *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957, p. 341).

⁵ Venturini. *O sintoma e os impasses na análise* (2007, p. 173).

⁶ *Ibid.*, p. 173.

substância material qualquer que pudesse satisfazê-lo, respondendo ao seu enigma. Mas sim, do objeto *causa* do desejo, (a que Lacan chamou *Objeto a*), cuja única consistência é aquela do gozo, resto impossível de simbolizar.

Temos, portanto, uma relação de amarração entre simbólico (aquilo que pode ser simbolizado) e o real (que permanece fora da simbolização). O primeiro comparece organizando o campo das relações do sujeito com a realidade, nele inscrevendo as linhas de força iniciais, diz Lacan no seu seminário dedicado aos *Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. O simbólico permite que, antes ainda que se estabeleçam relações propriamente humanas, certas relações já estejam determinadas: *Antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador.*⁷

⁷ Lacan. *O Seminário*, Livro 11 – *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964, pp. 25-26).

No entanto, afirma Lacan, em meio a essa experiência insiste a *função da causa*. Mas ele adverte que aqui não está tomando a causa como conceito filosófico, como algo que se situa no plano da determinação, da lei. Paradoxalmente, essa causa na psicanálise vai ser correlativa a uma falta, a uma hiância, pois segundo Lacan, *só existe causa para o que manca.*⁸ Lugar onde me deparo com o traumático sexual, fenda aberta, impossível de simbolizar, é lá que o sintoma neurótico vai se constituir como aquilo que se conforma a esse real indeterminado. Vemos estabelecer-se aí um corte entre dois registros. O simbólico, que organiza a experiência, predeterminado. E o real, onde nada se encontra determinado, e onde algo pode acontecer.⁹

⁸ *Ibid.*, p. 27.

⁹ Acontecimento – *devenir* (werden).

Amparados por essa concepção de sintoma é que ouvimos aqueles que nos procuram buscando situar, na demanda que nos é dirigida, aquilo que de desejo e de gozo está implicado na amarração singular a cada um. Trazemos a seguir uma vinheta clínica que busca articular a partir da experiência analítica alguns desses conceitos.

O caso clínico

Os pais de Marcélio, 11 anos, me procuraram em junho de 2009 porque, segundo eles, “a professora disse que ele precisava de psicólogo”. É muito inquieto, não presta atenção na aula e briga constantemente com os outros alunos. Além disso, embora esteja cursando pelo quarto ano consecutivo a terceira série, não consegue ler nem escrever. Trata-se de um caso atendido em um serviço público de Fortaleza (CE), situado em uma região muito carente da cidade.

O desafio nas entrevistas preliminares foi tentar localizar algo na fala de Marcélio que o implicasse para além da demanda de adequação do comportamento endereçada a mim pelos pais e pela

escola (e que, inicialmente, ele parecia endossar). Vimos anteriormente como – tomado a partir do registro do simbólico – o sintoma é definido por Lacan como uma operação metafórica: uma mensagem cifrada do Inconsciente que é articulável e decifrável. A própria entrada em análise exige essa suposição. É preciso que o sujeito acredite que seu sintoma quer dizer alguma coisa e que aquele que o escuta sabe algo desse sentido.

De início Marcélio fala muito pouco, e nesse pouco deixa entrever que acredita que está ali para ser mais comportado, para parar de brigar na escola e para conseguir aprender. Aqui estamos na dimensão da queixa e ainda não podemos considerar a existência de um “sintoma” no sentido analítico. Peço-lhe para me falar mais sobre esse “não conseguir aprender” e descubro que não se trata simplesmente de não conseguir, há uma singularidade muito relevante em sua história. Ele diz: “eu sabia ler e escrever, mas um dia o colégio caiu. Tive que ficar em casa por uns meses e quando eu voltei tinha esquecido tudo”.¹⁰ Suas dificuldades dizem respeito tanto à leitura quanto à escrita. Também esquece com frequência do que vai dizer: “às vezes a palavra vem reta na minha cabeça, mas na hora de dizer sai outra coisa”.

A passagem que vai permitir a Marcélio sair da demanda dos pais para uma formulação de sua própria questão ocorre certo dia em que ele reconhece uma das pacientes que atendo como sendo uma de suas vizinhas, e me pergunta por que ela está ali. Respondo que as pessoas vêm para cá porque têm alguma coisa que as aflige, que as faz sofrer e vêm buscar ajuda. Pergunto se é o caso dele. Ele diz que tem sim, que ele sofre porque esqueceu algumas coisas e que acha que eu poderia ajudá-lo a se lembrar. Outro fato que lhe intriga é que ele, por diversas vezes, acordou e estava em pé, em frente à geladeira, por exemplo, e não se lembra como chegou lá.

Esse momento foi um marco na direção do tratamento, pois, enfim, pudemos identificar elementos daquilo que virá a se constituir como sintoma em sua dimensão simbólica: um texto portador de uma mensagem que se constitui como resposta ao enigma do desejo do Outro.

Deparar-se com esse enigma é correlativo da própria possibilidade de constituição do sujeito, e é também o furo em torno do qual o sintoma vem a se constituir. Quando nasce um filhote qualquer, a primeira coisa que ele busca é satisfazer suas necessidades. Com o filhote humano, no entanto, essa questão se torna infinitamente mais complexa, pois ao nascer o bebê já chega ao mundo banhado na linguagem. Além disso, nasce subjugado por sua prematuridade e assolado pela força das pulsões parciais. Sendo assim, para sair desse “desamparo fundamental”, como chamou Freud, o sujeito é levado a articular suas necessidades em termos de demanda. Ocorre

¹⁰ Os trechos entre aspas a partir daqui são excertos de fala do paciente.

que a demanda exige, como tal, sua articulação em termos significantes. O que devemos considerar aqui é que não se pode confundir demanda com necessidade, pois o próprio exercício do significante transforma a manifestação dessa necessidade:

Mediante o concurso do significante introduz-se nesta um mínimo de transformação – de metáfora, numa palavra – que faz com que aquilo que seja significado seja algo para além da necessidade bruta. Por conseguinte, desde o começo, o que entra na criação do significado não é uma pura e simples tradução da necessidade, mas uma retomada, reassunção, remodelagem da necessidade, criação de um desejo outro que não a necessidade.¹¹

¹¹ Lacan. *O Seminário*, livro 5 – *As formações do inconsciente* (1957-58, p. 95).

A criança que articula seu grito em significantes espera do Outro uma resposta. No entanto, essa resposta é furada, pois ao Outro também falta alguma coisa, o Outro também deseja. Ali onde o sujeito espera um “oráculo”, descobre $S(A)$: *significante de uma falta no Outro, inerente à sua função mesma de ser o tesouro do significante*.¹² Lacan afirma que o desejo vai se esboçar na margem em que a demanda se esgarça da necessidade, pela impossibilidade de haver no plano das pulsões qualquer possibilidade de satisfação universal. Diante dessa impossibilidade de resposta, o sujeito se angustia e se pergunta: o que esse Outro quer? Ou melhor, o que Ele quer de mim?

¹² LACAN, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960, p. 832).

Com aquilo que conseguir montar como resposta é que o sujeito vai produzir sua fantasia e seu sintoma. O Sintoma é uma significação. Foi isso que Freud introduziu: o sintoma é uma operação de significação, (...) *é por essa razão que podemos legitimamente simbolizá-lo nesse lugar por um pequeno s(A), significado do Outro, vindo do lugar da fala*.¹³ O neurótico é aquele que identifica a falta do Outro com sua demanda e, dessa forma, tenta articular sua resposta a ela. Preso a essa injunção do Outro permanece alienado, completo desconhecedor de seu desejo.¹⁴

¹³ *Ibid.*, p. 477.

¹⁴ *Ibid.*

Na operação de entrada em análise, o que se busca é reabrir essa fenda. Ao não responder à demanda (no caso de Marcélio, demanda de correção de um transtorno de aprendizagem), o analista abre um furo onde se pode recolocar a questão acerca do desejo: que queres? Marcélio passa, a partir daí, por uma mudança de posição: de objeto da queixa dos pais para um sujeito que, em associação livre, desfila seus significantes. Além disso, agora comparece sozinho à sua análise, sempre preocupado em vir “bonito” para a sessão, segundo relato da mãe.

O que a histericização de seu discurso revela é que, para além de uma dificuldade de alfabetização, ocorreu uma regressão a um ponto onde algo se fixa no “não saber”. Para abordar como isso se dá

é importante tecermos alguns comentários sobre o que a psicanálise tem a dizer sobre o processo de alfabetização.

No texto sobre as afasias, ainda num momento pré-psicanalítico, Freud identifica o que está em jogo nos diversos momentos de aquisição da linguagem, num percurso que vai da aquisição da fala à aquisição da escrita. Aprendemos a falar, segundo ele, servindo-nos de uma linguagem própria; criamos uma espécie de dialeto. Fazemos isso associando uma imagem sonora da palavra (que adquirimos do Outro) a uma sensação de inervação da palavra, associando diferentes e estranhos sons de palavras a um único som que nós mesmos produzimos. No processo que se segue, passamos a tentar tornar esse som produzido o mais próximo possível da linguagem dos outros.¹⁵

A aquisição da leitura e da escrita envolve, segundo Freud, uma reedição desse processo, um segundo esforço de associação. Associamos as representações obtidas ao pronunciar cada uma das letras e, dessas associações, percebemos surgirem novas representações de palavras. Reconhecemos no que aí obtemos o som da palavra tal como a conhecíamos, e então, lemos compreendendo. Segundo ele, esse processo é facilitado pela semelhança que há entre o dialeto dos primeiros anos de vida e a linguagem escrita.

Percebemos que há uma proximidade entre esse dialeto a que Freud se refere e aquilo que anos mais tarde Lacan vai chamar de *Lalangue*.¹⁶ *Lalangue* não é a linguagem, ela é antes um banho de obscenidade, como diz Colette Soler ao se referir a esses uns, *essaim*,¹⁷ enxame de significantes que a criança recebe de primeiro grande Outro, a mãe. *Lalangue*, portanto, não é da ordem do simbólico, mas do real. A autora nos adverte que não se trata, portanto, de aprendizagem, mas de impregnação, de marcas que a criança recebe: são termos que excluem o domínio e a apropriação ativa e, portanto, a identificação.¹⁸

Desses sons sem sentido, alguns vão se depositar sob a forma de detritos, os primeiros uns sonoros. Segundo Soler (2010), é só num *a posteriori*, tempo do encontro com o impossível do sexo, que esses uns vão se conectar ao problema do gozo do sujeito, especialmente do gozo fálico. Aqui não se trata da combinatória do significante, mas desses uns erráticos que se conectam diretamente com o gozo corporal. Nesse litoral que se escreve entre saber e gozo está em jogo não só a contingência do que foi falado pelo Outro, mas principalmente a contingência do que foi escutado.

Ainda durante as entrevistas, fiquei sabendo (por intermédio do pai) de um acontecimento que vai retornar várias vezes na fala do filho. A família morava em uma cidade do interior: o pai, a mãe, a filha mais velha e Marcélio, então com cerca de três anos de idade. Certo dia, o pai está bebendo em um bar e entra numa briga: vai até sua casa, deixa

¹⁵ Freud. *O Inconsciente* (1915).

¹⁶ Neologismo criado por Lacan. O termo “*Lalangue*” faz referência à “lalação”, primeiros sons emitidos pelo bebê.

¹⁷ Em francês há uma homofonia entre “*essaim*”, “*enxame*” e “*esse uns*”, S1, termo que Lacan utiliza para se referir ao enxame de significantes.

¹⁸ Soler. *O Corpo Falante* (2010, p. 29).

o filho que estava com ele no momento, pega uma faca e mata o colega com quem discutiu. Perseguido pela polícia, ele se esconde para se livrar do flagrante e depois se entrega. Havia três anos ficou sabendo de sua sentença: cumpriria pena em regime semiaberto.

Havia cerca de três anos também nasceu a filha mais nova do casal. Na fala da mãe o pai aparece como violento e muito ciumento: chegava em casa bêbado e obrigava as crianças a se ajoelharem e escreverem o alfabeto na parede: “ele ficava rindo, parecia um louco”. Diz ainda que apanhou muito durante a gravidez de Marcélio: “será que isso tem a ver com o jeito dele ser hoje?”

No decorrer do tratamento, aos poucos, Marcélio começa a falar sobre sua vida na escola e em casa. Diz que tem um irmão que está preso, o Daniel. Essa afirmação me surpreende, pois nem a mãe nem o pai tinham me falado da existência desse irmão. Fala também que o pai tem mais cinco filhos com outra mulher que conheceu antes de sua mãe. Ainda sobre a prisão de Daniel, faz uma relação com seu sintoma e afirma: “Ele foi preso, no mesmo dia eu fui pra escola, a tia mandou eu ler e eu não sabia mais”. Marcélio briga muito na escola, e ao perguntar o porquê disso ele me diz que os meninos chamam sua mãe de rapariga, e me pergunta o que é isso. Com o meu silêncio, ele me diz noutra pergunta: rapariga¹⁹ num é moça?

Com essas informações novas e conflitantes e como Marcélio continua muito calado durante as sessões, sugiro trabalhar com desenhos, ao que ele se mostra muito interessado. Seguem-se aí várias sessões em que ele desenha várias pessoas, escreve seus nomes (alguns corretamente, com uma letra bem caprichada – o dele, o do pai) e outros que ele não consegue escrever e me pede ajuda – Daniel e Sibita –, uma prima com quem ele gosta de brincar, depois me fala sobre o que produziu. Noutras sessões ele recorta as figuras, formamos árvores genealógicas ou encenamos histórias com os personagens que ele desenhava.

Nesses jogos e desenhos o que começa a se delinear é a dúvida de Marcélio sobre quem é essa família, principalmente sobre esses filhos que a mãe teria no interior. Ele diz que não tem certeza se Daniel é filho ou irmão dela, mas acha que é filho. Ele passa a investigar isso junto à mãe, que explica que eles, na verdade, são primos de Marcélio, filhos de uma irmã dela.

Outra questão que surge ao longo de sua análise é com relação ao seu nome próprio: “Meu nome é igual ao do meu pai e eu não sei porquê”. “Uma amiga minha falou que esse nome é uma peste.” Certo dia deixa escapar, com um sorriso no rosto, que sua mãe, e quase todos na rua, o chamam de “Bebê” e que ele gosta muito de ser chamado assim.

No transcurso do tratamento me diz: “acho que eu nasci doente,

¹⁹ No Nordeste o significante tem uma conotação pejorativa, significando mulher de má reputação, prostituta. É frequente nos jogos de linguagem locais brincar com outra significação possível, atribuída ao português falado em Portugal, onde significa “moça, mulher jovem”.

com alguma doença, porque até meu irmão mais novo sabe mais do que eu”. Acerca do seu nascimento afirma: “Eu nasci da barriga, me tiraram de lá. Tu conhece a novela do Zé Trovão? Eles apostaram uma corrida. Se a Ana Raio perdesse, tinha que dar um beijo nele; se ela ganhasse, num tinha não. Ela perdeu e eles se beijaram, os cavalos deles também, porque têm o mesmo nome que eles”. Pergunto por que ele lembrou disso? “Porque foi bom. Acho que é assim, eu lembro do que é bom. O que é ruim eu esqueço.” Fala também de uma cena que assistiu: a irmã mais nova, de três anos ainda mama e às vezes dorme no peito. Certo dia, conta ele, viu o irmão do meio (que já contava com oito anos) deitar na cama, botar o outro peito para fora e mamar.

Essas passagens extraídas de seu discurso nos permitem abordar uma outra dimensão do sentido do sintoma. Não sua versão carta (*lettre*), portadora de uma significação (*bedeutung*) que pode ser endereçada, decifrada. Mas o sintoma como aquilo que aponta para o real traumático. Em sua face de letra, de lixo (*lettre, litter*)²⁰ de resto idêntico a si mesmo, o sintoma é portador de um gozo que já não significa mais nada, mas cuja função é o sentido (*Sinn*) de um vetor apontando para o real. No texto intitulado “A Terceira”, Lacan afirma: *o sentido do sintoma é o real, na medida em que ele se atravessa aí para impedir que as coisas andem, no sentido de que elas dão conta de si mesmas de maneira satisfatória. Sentido aqui não no sentido de significação, mas no de vetor. Ou seja, o sintoma é um vetor apontando para a presença do real.*²¹

Marcélio diz que sua avó mandou um recado para seu pai. Os irmãos do homem que ele matou estão querendo vingança. Ele não pode ir pescar em... “Idubaiu”.²² A palavra certa não sai. Ele tenta várias vezes, mas automaticamente só consegue dizer “Idubaiu”. Pergunto se ele quer escrever. Ele escreve: “Dubaiu”. Depois tenta novamente: “Trubaiu”, e me diz: “não é isso. Eu não consigo dizer”. Pede para ir lá fora perguntar a um vizinho que o acompanhava e diz: “a palavra certa é Donabuiu”. Eu marco que ele lembrou do “buiu”, mas esqueceu o “dona” e digo: Dona também é um nome de mulher.

Percebemos que esse significante surge como S1 que articula um enxame, ponto de articulação entre outros uns que se inscrevem e que atuam como vetores apontando para o traumático do gozo, da morte e do sexo. Assim, temos de um lado a escansão dos S1s, e do outro, as questões que Marcélio traz para sua análise que dizem respeito ao enigma do sexo, sua ascendência, a sexualidade materna e a indefinição de limites quanto a isso:

²⁰ Jogo de significantes que Lacan explora ao máximo no texto *Lituraterra* – indo de *Lettre* (carta e letra em francês) a *Litter* (lixo, em inglês). LACAN, J. *Lituraterra* (2003).

²¹ Lacan, *A terceira* (1974, p. 24)

²² Imagino que ele está fazendo referência ao município cearense de Banabuiú.

Enxame de SIs	Questões do sujeito => real traumático
<p>Donabuiu – Banabuiu – cidade onde o pai matou um homem</p> <p>Dona – significante que aponta para o feminino</p> <p>Dedina – a mãe chama-se Edna, mas ele escreve assim</p> <p>Daniel – que, como ele mesmo destaca, também escreve com D</p>	<p>A mãe é rapariga?</p> <p>De onde vieram esses irmãos?</p> <p>E ele mesmo?</p> <p>Podem os filhos gozar do corpo da mãe?</p> <p>Por que ela dorme? O que pode o pai?</p>

Seu sintoma, “esquecer o que sabia”, irrompe por volta dos sete anos de idade, num momento em que essas questões se presentificam: nasce a irmã mais nova, o pai vai ser preso, o irmão/primo é preso. O que podemos extrair daí aponta, em primeiro lugar, para a atuação da pulsão epistemofílica. Marcélio andou procurando saber, investigando sobre sua origem e a origem desses irmãos. No texto Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância, Freud afirma que uma fase cheia de investigações é frequente nas crianças pequenas. Elas visam saber de onde vêm os bebês, como eles são feitos. No limite, essas questões apontam também para a origem do próprio sujeito: de onde eu vim? Por que eu nasci? O que eles querem de mim?²³

Marcélio provavelmente andou procurando essas respostas, e posteriormente encontrou ao longo de sua investigação algum limite desse saber (esse limite é estrutural, pois a investigação fatalmente caminha para um ponto impossível de dizer e para o reconhecimento de uma falta, principalmente a falta no Outro). Nesse momento, opera o recalque que, por definição, trata-se exatamente de um mecanismo que visa afastar determinada coisa da consciência, mantendo-a a distância.²⁴ Seria seu sintoma (esquecimento) equivalente ao próprio mecanismo do recalque? É o próprio Freud quem nos responde, ao afirmar que sintoma e recalque não são a mesma coisa, longe disso, seguem caminhos de formação completamente diferentes, pois o sintoma equivale, na verdade, a um segundo momento, o momento em que algo desse recalcado busca acesso à consciência, um retorno do recalcado.

Segundo Freud, o recalque se constitui em dois momentos distintos. Inicialmente, há o que ele chama de *Urverdrängung* (*recalque original*) e que consiste em interditar no consciente a admissão do representante psíquico da pulsão. Esse recalque estabelece uma fixação, mantendo, daí em diante, um enlaçamento entre a pul-

²³ Freud. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910).

²⁴ Freud. *O Recalque* (1915).

são e o representante em questão. A segunda etapa é aquela que Freud vai chamar “o recalque propriamente dito” e diz respeito às representações derivadas do representante recalcado. Ocorre que o recalcado original exerce uma força de atração sobre todo material com que consegue estabelecer conexão e, assim, submete ao mesmo mecanismo de recalque as cadeias de pensamento que estabelecem alguma relação com o representante psíquico interditado no recalque original.²⁵

25 *Ibid.*

Tomemos novamente o caso de Marcélio: ele inicia, ainda numa fase remota, suas investigações que o remetem a um enigma que remete ao sexual, ao nascimento e à morte. Diante desse impossível, desiste de suas buscas e se contenta com uma resposta: Daniel é meu irmão. Num momento posterior, marcado por solicitações escolares, nascimento de uma irmã, prisão de Daniel e do pai, algo faz conexão com o primeiro momento de encontro com o real traumático. No entanto, o recalque não é completamente bem-sucedido. Vacilando o recalque, o sujeito faz um sintoma: esquece o que sabia... ler. Sintoma cujo sentido, o vetor, como diz Lacan, é apontar para o mesmo núcleo real com que esbarraram suas pesquisas sexuais, o impossível de saber.

Nesse sintoma desvela-se ainda a posição de gozo de Marcélio. Apesar de haver incidência do Nome-do-pai, a saída pela identificação ao significante paterno é recusada por ele: “Não gosto de ter esse nome, esse nome é uma peste”. Prefere ser chamado pelo nome que recebeu da mãe, o Bebê. Continuar a ser o “bebê da mamãe”. Mas esse nome porta a marca de seu gozo, marca do impossível da relação, pois bebês não sabem ler.

Referências bibliográficas

- FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da clínica*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1980.
- FREUD, S. (1910) *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI).
- FREUD, S. (1915a). *O Inconsciente* (Anexo C). Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV).
- FREUD, S. (1915b) *O Recalque*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV).

- FREUD, S. (1916) *Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVI).
- LACAN, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1974). *A Terceira*. Che vuoi, ano 1, no 0, Porto Alegre, Cooperativa Cultura Jacques Lacan, 1986.
- LACAN, J. *O Seminário*, livro 5 – *As formações do inconsciente (1957-58)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário*, livro 11 – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1957). A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1998.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de La. *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens*. Petrópolis, Vozes, 1993.
- SOLER, Colette. O corpo falante. *Cadernos de Stylus AFCL/EPFCL-Brasil*. Rio de Janeiro, no 1, pp. 08-29, 2010.
- VENTURINI, Silvia. O sintoma e os impasses na análise. *Psyche* (São Paulo) [online], vol.11, no 20, pp. 165-182, 2007.

Resumo

Recebemos com frequência na clínica demandas relacionadas a problemas de aprendizagem. Trata-se do momento em que, ao constatar o que entendem como um “déficit”, os pais ou a escola resolvem procurar um “especialista” que possa tratar esse “sintoma”. No entanto, diferentemente dessas profissões, o analista vai demarcar uma ruptura radical na forma como podemos acolher as vicissitudes pelas quais um sujeito passa no seu processo de aprendizagem, pois, para a psicanálise, o sintoma é um índice do sujeito e das tensões que se revelam entre este e o seu desejo inconsciente. Apresentamos nesse texto uma discussão acerca do sintoma na psicanálise, articulando-a com uma vinheta clínica na qual a queixa inicial se apresenta como “distúrbio de aprendizagem”, mas que, a partir da escuta do sujeito, vai apontar para o real traumático envolvido.

Palavras-chave

Sintoma, psicanálise, aprendizagem.

Abstract

Very often, we receive in our clinic demands related to learning problems. This is the moment when, finding what is perceived as a “deficit”, parents or school decide to consult with a specialist who can treat this “symptom”. However, unlike such professions, psychoanalysis will mark a radical rupture in how we can take care of the hurdles through which a subject passes during his/her learning process, as for psychoanalysis the symptom is an index of the subject and of the tensions that unfold between him/her and his/her desire, unconscious. The article proposes a discussion about the symptom in psychoanalysis, linking it to a clinical vignette in which the initial complaint is presented as “learning disorder”, but as the subject is heard, it will point to the traumatic real involved.

Keywords

Symptom, psychoanalysis, learning .

Recebido

16/02/2011

Aprovado

24/03/2011

